



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS JORNALISTAS DA UNIÃO CATÓLICA DA IMPRENSA ITALIANA

Segunda-feira, 14 de Fevereiro de 1983

*Senhores Jornalistas
e Caros Amigos!*

1. Estou verdadeiramente satisfeito com este encontro que se realiza poucos dias depois da Festa do vosso Padroeiro, São Francisco de Sales, celebrada desta vez com particular solenidade, em virtude do "Ano Mundial das Comunicações", promovido pela Organização das Nações Unidas, para 1983.

Agradeço à Secção Regional do Lácio da União Católica da Imprensa Italiana ter-se feito promotora de tal iniciativa, interpretando também o desejo que muitos operadores dos "mass-media" manifestaram durante o recente congresso sobre o tema "Ética e Profissionalidade do Jornalista". Estou reconhecido a todos vós pela vossa cordial participação, que me permite falar-vos de coração aberto. E agradeço também ao Deputado Piccoli as palavras que me dirigiu, interpretando os vossos sentimentos.

2. Como tive oportunidade de aludir noutras circunstâncias, estou profundamente compenetrado da nobreza e do grave compromisso da vossa profissão. Mediante o exercício da palavra — escrita, falada, figurada — o jornalismo é trabalho que empenha a inteligência ao serviço da verdade e do bem, e desempenha um papel de longo alcance na orientação da mentalidade e da consciência individual e colectiva. Requer, por conseguinte, dotes não comuns de perspicácia, de equilíbrio e de sensibilidade que, unidos a um profundo sentido de responsabilidade, devem ser postos em acção simultaneamente e em todas as circunstâncias, em cumprimento daqueles deveres que são próprios de uma profissão que se tornou cada vez mais difícil, com o progredir da gama dos meios técnicos e do seu aperfeiçoamento.

A vossa profissão, de facto, requer múltiplos sacrifícios, ilimitada dedicação, experiência diuturna, esforço constante de maturação humana, intelectual e espiritual. Expõe os seus operadores a fáceis riscos, o mais grave dos quais é sempre o de ofuscar ou deturpar — queira Deus que isto aconteça só involuntariamente — o rosto sagrado da verdade e o supremo ideal do bem.

Como o Magistério pontifício indicou repetidas vezes nestes decénios, a profissão jornalística deve ser compreendida como "missão" de informação e de formação da opinião pública, em cuja origem se encontra um impulso fortemente interior, que poderíamos chamar vocação. Tal missão, isto é tarefa qualificada, ao mesmo tempo que requer do sujeito um empenho pessoal que mobiliza as suas melhores faculdades, exige por sua natureza exercício para se defender de todo o arbítrio e converge no álveo de um "ministerium", de um serviço — como se diz de modo vulgar também de algumas prestações jornalísticas — incessantemente vinculado aos critérios da veracidade, objectividade e clareza.

Deste modo, se, por um lado, emerge a inseparável aliança entre profissionalidade e moralidade, pelo outro, não se reduz o espaço dos recursos pessoais do artífice da palavra, da sua capacidade de observação e de discernimento, no seu peculiar e irrepetível estilo expressivo. Estes recursos, aliás, do confronto com a verdade e com o bem, obtêm estímulo permanente de aperfeiçoamento e de valorização. A verdade e o bem possuem uma própria virtude difusiva, que fascina, convence e ao mesmo tempo corrobora.

3. É necessário, de certo modo, poder sempre honrar em vós, católicos, os "ministri sermonis" (Lc. 1, 2), os servidores da palavra, aplicando a vós a bela definição usada por São Lucas, no prólogo do seu Evangelho, para indicar aqueles que antes dele tinham procurado escrever os acontecimentos de que haviam sido testemunhas. Como demonstram o Decreto conciliar *Inter Mirífica*, a instrução *Communio et progressio* e as numerosas intervenções pontifícias, a Igreja vê com grande simpatia e amizade o vosso trabalho de jornalistas católicos. Interessa-se pela imprensa "especificamente católica" (cf. *Inter Mirífica*, 14), não baseada num cálculo fechado ou numa perspectiva de monopólio, mas em conformidade com a exigência da própria missão divina de levar a mensagem cristã a todas as camadas da humanidade, consciente de inserir a instância da verdade e da formação espiritual naquele pluralismo de vozes que é característico da sociedade contemporânea.

Infelizmente, neste pluralismo de vozes, em consequência das ideologias contrastantes e dos vários interesses, há também as que percorrem os caminhos da falsidade, fomentam o ódio e a subversão ou se tornam fadoras de amoralidade ou de imoralidade. Estas são justamente repudiadas pelo comum bom senso e pela autêntica profissionalidade do mundo jornalístico, porque insidiam os valores espirituais e morais, como também a elementar dignidade do homem, a solidez do seu viver livre e pacífico. A sua difusão constitui um instigante motivo a contradizer a vossa positiva obra profissional.

4. Desejando agora referir-me, embora só brevemente à figura do vosso caro Padroeiro, São Francisco de Sales, "dulcíssimo Santo" — como gostava de o definir o futuro Papa João Paulo I (cf. *Illustrissimi*, pág. 142), também ele jornalista — recordo a descrição feita pelo meu predecessor Paulo VI. Na Carta Apostólica promulgada no IV centenário do nascimento do insigne pastor e escritor, aquele Papa louvou a sua aguda intuição de mente, a inteligência forte e clara, o juízo penetrante, a incrível afabilidade e bondade, a sorridente suavidade do rosto e da palavra, a moderação permanente e sempre segura (cf. AAS 59, 1967, p.116).

Nestas lapidares expressões não estão delineadas as virtudes do profissional da informação? e não estão indicados o segredo e as pistas que o artífice da palavra deve seguir para saber propor-se dignamente ao público, e para fazer que o leiam e compreendam, desempenhando assim convenientemente a sua difícil missão?

Ao reevocar aquele magnífico paradigma, é-me grato salientar que o nosso encontro de hoje se efectua estando já próximos do Ano Jubilar da Redenção, a poucas semanas do dia em que, com a graça do Senhor, se realizará a simbólica e comovente cerimónia da abertura da Porta Santa.

5. Vós, caros amigos da imprensa católica, sabeis já o que foi pronunciado e estabelecido para o grande acontecimento; tendes presente a exposição feita ao Sacro Colégio e à Prelatura Romana, na antevéspera do Santo Natal; estais ao corrente da recente Bula Aperite portas Redemptor com que foi promulgado o Jubileu. Não estarei pois a insistir sobre temas e perspectivas indicados naqueles documentos: vós sois mestres, como dizia, na arte de recolher e transmitir as notícias e sobretudo os valores nelas contidos.

Aliás solicito a vossa colaboração.

Com a força dos instrumentos de que dispondes, servindo-vos de uma linguagem simples e clara, tornada incisiva pelos dotes brilhantes das vossas canetas, fazeis vossa a mensagem elevadora de reconciliação pessoal e social, para a qual convidei os filhos da Igreja e todos os homens bem dispostos para com a boa nova do Evangelho.

O acontecimento jubilar realizar-se-á em todo o mundo. Todavia, o mundo olhará de modo particular para Roma, e os "mass-media" serão, por assim dizer, os amplificadores do que acontecer aqui, na Sé do Sucessor de Pedro, no centro da cristandade.

No contexto cronológico e religioso do Ano Jubilar, inserem-se outros acontecimentos, como — para citar dois particularmente significativos — a Sessão do Sínodo dos Bispos e a entrada em vigor do Código de Direito Canónico, recentemente promulgado. Haverá abundantes motivos e temas emergentes da vitalidade da Igreja do nosso tempo, que se prestarão para ser analisados nas suas dimensões profundas, para além de tuna curiosidade momentânea, em relação também com as problemáticas, os anseios e os tormentos que assinalam o desenvolvimento da história.

A Igreja está seriamente empenhada em fazer com que sobre este caminho resplandeçam aquelas metas luminosas que o venerado Paulo VI, na conclusão do Ano Santo de 1975, condensou profeticamente no programa da "civilização do amor". Confiando na graça de Deus e na intercessão de Maria Santíssima, espero de todo o coração que tal civilização do amor venha a prevalecer, graças também ao contributo de um jornalismo promotor de paz e de concórdia, baseado nos perenes valores do espírito.

6. Com estes fervorosos votos, renovo a expressão da minha sincera confiança em vós ao mesmo tempo que sobre as vossas pessoas e sobre o vosso trabalho invoco a protecção de São Francisco de Sales, confiando-lhe todos os vossos colegas espalhados no mundo. Seja ele para todos vós, caros operadores das Comunicações sociais, modelo e inspirador; torne leve, com a sua intercessão, o vosso compromisso em favor da humanidade, orientado antes de tudo para servir a verdade, o que positivamente constrói, o que forma e melhora o homem. Na medida em que perseguirdes este altíssimo ideal de transcendente valor, asseguro-vos, como disse noutra circunstância (cf. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, 1979, p. 318), que a Igreja estará ao vosso lado porque também ela serve a verdade e a liberdade: liberdade de conhecer a verdade, de a anunciar e de a fazer descer no íntimo de cada coração.

A vós, às vossas famílias, e a todos os vossos Entes queridos, a minha afectuosa Bênção Apostólica.

© Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana